

Artigo de Revisão

## A POLÍTICA NOS JOGOS OLÍMPICOS

**José Maurício Capinussú**

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

---

### Resumo

Este trabalho procura mostrar a influência da política na realização dos Jogos Olímpicos, desde a Grécia antiga até os nossos dias. Para atingir este objetivo, procedemos a uma retrospectiva dos fatos ocorridos, antes e durante as várias competições olímpicas, até a mais recente, Atenas 2004, sendo oportuno destacar que o Comitê Olímpico

Internacional nem sempre se deixou influenciar por qualquer manifestação intimidatória capaz de afetar a ordem cronológica dos Jogos ou ceder a injunções que implicassem no afastamento de qualquer país representado por seu comitê olímpico nacional.

**Palavras-chave:** Jogos Olímpicos, Competições, Política.

---

Revised Article

### POLITICS IN THE OLYMPIC GAMES

### Abstract

This study attempts to show the influence of politics in the realization of the Olympic Games, since the ancient Greece up to the present days. In order to accomplish this goal, we have made a retrospect of the facts, before and during the several

Olympic competitions, until the most recent one. Athens 2004, and it is important to highlight that the international Olympic committee was not always influenced by any kind of inhibitory manifestation capable of affecting the chronological order of the games or ceding the injunctions which imply in the dismissal of any country represented by its national Olympic committee.

**Key words:** Olympic Games, Competitions, Politics.

---

### INTRODUÇÃO

“O homem não se compõe de duas partes: o corpo e a alma; se compõe de três: o corpo, o espírito e o caráter; o caráter não se forma pelo espírito, se forma sobre todo o corpo. Os antigos sabiam disso, nossos pais o olvidaram e nós o aprendemos de novo, penosamente”.

(Trecho do discurso proferido pelo Barão Pierre de Coubertin, em 23 de junho de 1894, na Universidade de Paris – Palácio da Sorbonne, por ocasião da criação do Comitê Olímpico Internacional e do restabelecimento dos Jogos Olímpicos).

Ao se tornar o grande ideólogo do ressurgimento dos Jogos Olímpicos, Pierre de Coubertin imaginava que a chamada “Trégua Sagrada” – período em que os exércitos representativos dos Estados Gregos

---

Recebido em 25.11.2006. Aceito em 10.01.2007.

suspendiam suas hostilidades, não importando as vantajosas posições que ocupassem – seria adotada, em pleno século XX, por nações em guerra, quando existissem competições olímpicas previamente marcadas. Entretanto, para seu desencanto, isto não ocorreu em duas ocasiões: no período compreendido entre 1914 e 1918, durante a 1ª Grande Guerra (quando havia uma Olimpíada marcada para se realizar em 1916, em Berlim) e no período entre 1939 e 1945, durante a 2ª Grande Guerra (quando deveria ter havido as Olimpíadas marcadas para 1940, em Helsinque, e para 1944, em Londres). Antes de se iniciar esta última etapa, Coubertin já havia falecido, em 1937, não tendo, assim, a desventura de presenciar a uma completa falência de sua nobre idéia, concernente à criação de uma manifestação esportiva capaz de interromper conflitos belicistas entre as nações.

Aquilo que Coubertin tanto temia, a nefasta influência da política sobre o esporte, acabou se tornando uma situação permanente, a ponto de, anos antes dos Jogos se realizarem, alguns países condicionarem suas participações, exercendo pressões injustificáveis sobre o Comitê Olímpico Internacional (COI), com a finalidade de obterem dividendos políticos através do esporte e, assim, alcançarem uma posição de realce junto à comunidade internacional.

## DISCUSSÃO

Ainda na antiguidade grega, a política causava constante rivalidade entre as cidades-estado, ameaçando seriamente a realização dos Jogos Olímpicos, apesar da Trégua Sagrada se fazer presente, com os responsáveis pela sua violação sendo severamente punidos. Isto ocorreu com os espartanos, durante a Guerra dos Peloponeso, que, após a promulgação da suspensão das hostilidades, tomaram, pelas armas, a Fortaleza de Phycos, ao mesmo tempo em que colocavam uma guarnição em Lepreon. Estes atos lhes valeram uma severa sanção: multa de dois mil minas/soldado, segundo as leis vigentes. Os infratores, entretanto, não pagaram a multa, sendo imediatamente desclassificados e excluídos dos Jogos.

A própria supressão dos Jogos Olímpicos no ano de 394 d.C., por obra do imperador romano Teodósio I,

após 292 disputas ininterruptas, representou um ato político. Na época, os Jogos passavam por um processo de total distorção, transformando-se em uma festa pagã, ao mesmo tempo em que o cristianismo ganhava expansão. Teodósio era um apologista da doutrina neo-platonista que, entre as pregações, preconizava a condenação do culto ao corpo em favor do ascetismo, responsável pelo culto ao espírito.

Aprimeira Olimpíada, realizada em Atenas, em 1896, não apresentou problemas de maior repercussão, embora, na própria Grécia, a concretização do evento merecesse inúmeras críticas por parte dos políticos opositoristas, e os atletas alemães, ganhadores de onze medalhas e membros da Associação Alemã de Ginástica, tenham sido expulsos desta entidade por terem competido ao lado dos inimigos franceses.

Quatro anos depois, os Jogos Olímpicos, que tiveram Paris como sede, foram incluídos na programação de uma Exposição Universal, com a duração de cinco meses, bastante privilegiada pelas preferências governamentais por se tratar de um evento cujos dividendos políticos eram mais rentáveis do que as Olimpíadas. Para coroar o absurdo de incluir a competição no programa de um acontecimento totalmente divorciado do esporte, os responsáveis pela exposição planejaram distribuir prêmios em dinheiro para alguns vencedores, irritando profundamente o Barão de Coubertin, contrário à violação dos preceitos regulamentares previamente estabelecidos e ao espírito do amadorismo.

Em 1904, em Saint Louis, Estados Unidos, outra vez os Jogos Olímpicos se realizaram paralelamente a uma exposição, a “*World’s Fair*” ou “*Louisiana Purchase Exposition*”. Aproveitou-se, também, a oportunidade para uma insólita iniciativa denominada “*Antropological Days*”, competição entre índios, negros e mestiços, contra a qual se insurgiu Pierre de Coubertin.

Nos Jogos Olímpicos de Londres, em 1908, os ingleses, contrariando os regulamentos, exigiram que os árbitros fossem nativos e não estrangeiros, imposição que o COI acabou aceitando. Os ingleses criaram, ainda, um atrito com os norte-americanos ao incluírem o pentatlo militar nos Jogos.

Em 1912, nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, fez-se grande alarde de uma “novidade” lançada na competição, que no fundo seria uma posição política

de boa convivência do COI: a permissão para a mulher competir, o que ocorreu maciçamente na natação, registrando-se a participação de representantes da Austrália, da Inglaterra, da Alemanha, da Suécia e da Áustria. Entretanto, anteriormente, em 1900, inglesas competiram em tênis; em 1904, norte-americanas competiram em tiro com arco; e, em 1908, novamente inglesas participaram de provas de tiro com arco e tênis, demonstrando que o ineditismo dos Jogos de Estocolmo, tão propalado, era pura demagogia.

Ainda nesta Olimpíada, os alemães criticaram o império austro-húngaro, pois estes queriam marchar unidos. Viena pediu aos húngaros que desfilassem junto com os austríacos e, se isso não se concretizasse, os húngaros ameaçavam boicotar os Jogos, o que acabou não acontecendo.

Em 1916, os Jogos Olímpicos, marcados para Berlim, foram cancelados devido à 1ª Grande Guerra, iniciada em 1914, já que os alemães estavam seriamente envolvidos. Desmistificou-se, portanto, a Trégua Sagrada, sonho acalentado por Coubertin, em pleno século XX. Conta-se que o barão ficou vários dias recolhido ao seu lar, triste, meditando se valia a pena continuar se dedicando de corpo e alma à causa olímpica como vinha fazendo até então. De forma agressiva, a política interferia no olimpismo.

Reativados em 1920, os Jogos Olímpicos, em sua sétima edição, se realizaram em Antuérpia, observando-se a ausência dos alemães e seus aliados na guerra encerrada dois anos antes, pois estes não foram convidados pelo COI a participar do evento. Foram excluídos os austríacos, os tchecos, os húngaros, os búlgaros e os turcos. Tratava-se de uma medida preventiva, objetivando evitar represálias entre países que se posicionaram a favor e contra os alemães.

Nos Jogos de Amsterdã, em 1928, o COI permitiu a volta da Alemanha. A União Soviética classificou a competição como sendo do “capitalismo e da burguesia”, não comparecendo.

Mas, seria Hitler que, em 1936, nos Jogos Olímpicos de Berlim, aproveitaria o esporte em toda a sua plenitude para tentar demonstrar ao mundo a preconizada superioridade da raça ariana. Com a doutrina do nacional-socialismo consolidada em toda a Alemanha, pregando-se e pondo-se em prática uma permanente perseguição aos judeus e uma cerrada discriminação aos negros. Hitler não podia perder a

oportunidade para, de acordo com suas idéias, provar ao mundo a “supremacia da raça branca” procurando humilhar os atletas negros, conforme tentou fazer ao não cumprimentar o campeoníssimo norte-americano Jesse Owens.

Com o objetivo de mostrar aos visitantes estrangeiros que o propalado anti-semitismo fazia parte de uma campanha difamatória da imprensa internacional contra a Alemanha, Hitler ordenou que todo e qualquer indício de animosidade contra os judeus residentes no país fosse evitado. Ao mesmo tempo, determinou que os ciganos fossem removidos para fora de Berlim, por se tratarem de um grupo marginal que poderia comprometer a eficácia da política nazista. Chegou-se ao extremo de repatriar esportistas, como a esgrimista Helene Meyer, campeã olímpica de florete em Los Angeles (1932), esquecendo-se sua origem judia, simplesmente por se tratar de uma atleta de alto nível capaz de capitalizar simpatia para a causa alemã. O COI, entretanto, protestou veementemente contra essa nacionalização dos esportes com fins políticos.

Em 1940 e 1944, os Jogos Olímpicos marcados, respectivamente, para Helsinque e para Londres não foram realizados, em virtude de um conflito belicista de âmbito mundial, a 2ª Grande Guerra. Era a política interferindo, novamente, de forma altamente maléfica, no olimpismo.

Em 1948, porém, os Jogos foram reativados, tendo Londres por cenário, mas a Alemanha e o Japão não foram convidados. Ainda era grande a animosidade contra estes dois países, protagonistas de um conflito cujas marcas o tempo custaria a apagar. Israel, também, foi excluído desta Olimpíada em função de pressões políticas exercidas pelos árabes.

Os Jogos de Helsinque, em 1952, marcaram o retorno de alemães e japoneses ao convívio olímpico, assim como o “*debut*” da União Soviética, país que, quatro anos depois, nos XVI Jogos Olímpicos, realizados em Melbourne, provocaria o abandono voluntário da Espanha, da Dinamarca e da Suécia, revoltados com sua atitude de invadir, em 1955, a Hungria, para reprimir de forma brutal e sangrenta uma revolta popular contra o comunismo opressor que ali se instalara. Aliás, esta foi a Olimpíada mais abundante em protestos de variadas origens: Egito, Líbano e Iraque manifestaram-se contra a Inglaterra e França, que meses antes haviam tomado o Canal

Suez; e a delegação da República Popular da China ausentou-se dos Jogos ao ver hasteado, na Vila Olímpica, a bandeira de Formosa (China Nacionalista).

Ainda, o antagonismo político entre russos e húngaros proporcionou um espetáculo digno da era em que os Jogos, já vilipendiados em sua essência, tinham o Coliseu por arena: Hungria e União Soviética jogavam a semifinal de pólo-aquático em que os húngaros venceram por 4 a 0. Assistiam ao jogo expatriados húngaros, que insuflavam seus patrícios a fazer mais gols, estímulo que irritou os jogadores da URSS, tendo um deles, Prokopov, desferido violenta cotovelada no magiar Zador, que teve o supercílio aberto, perdendo muito sangue. A água da piscina ganhou uma coloração avermelhada e os russos abandonaram o jogo, temerosos de uma forra dos húngaros e da batalha de Budapeste, ocorrida um ano antes, quando os tanques russos invadiram a capital húngara.

Em 1960, nos Jogos Olímpicos de Roma, a televisão transmitiu, pela primeira vez, a competição, mas apenas para a Europa, pois não havia satélite capaz de proporcionar uma transmissão intercontinental. Este fato certamente iria possibilitar, no futuro, um incentivo à propagação das causas políticas manifestadas durante a realização das Olimpíadas, pois os contestadores sabiam que, a partir de então, teriam uma enorme platéia para presenciar e até apoiar suas idéias.

Em 1964, ano da realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio, a África do Sul foi proibida de participar por adotar a política do "*apartheid*", que se chocava frontalmente com as regras do COI. Nesta oportunidade, a Federação Internacional de Natação Amadora e a Federação Internacional de Atletismo Amador impediram que atletas participantes do GANEFO (*Games of the New Emerging Forces*), manifestação político-desportiva ocorrida um ano antes em Jacarta, disputassem a Olimpíada da capital japonesa. Coréia do Norte e Indonésia discordaram desta atitude e não foram a Tóquio.

Os Jogos do México, em 1968, também foram marcados por fatos que, cada vez mais, comprovavam ser a competição olímpica um excelente palco para a divulgação de atitudes políticas capazes de sensibilizar o mundo inteiro. Antes de se iniciarem as disputas, a África do Sul já estava proibida de participar, uma vez que continuava adotando a política de discriminação racial. Isto motivou uma atitude insólita e surpreendente por

parte de dois atletas negros norte-americanos, Tommie Smith e John Carlos, colocados em 1º e em 3º lugar na prova de 200 metros rasos: ao serem chamados para receberem as medalhas a que faziam jus, descalçaram os sapatos, colocaram distintivos no peito e boinas pretas na cabeça. Já no pódio, levantaram um dos braços e, com o punho cerrado, fizeram uma saudação de protesto em favor do movimento denominado "*Black Power*" e contra a política racista, na época em plena efervescência nos Estados Unidos. Ainda antes dos Jogos, uma manifestação estudantil degenerou em conflito, estimando-se que mais de 250 estudantes foram mortos pela polícia e cerca de mil foram feridos. A tragédia aconteceu na Plaza de las Três Culturas, Cidade do México.

Em 1968, ainda, a Coréia do Norte protagonizou outro ato de protesto político ao se retirar dos Jogos em represália à decisão do COI de não permitir que sua delegação participasse da competição com a denominação de República Democrática e Popular da Coréia do Norte. Outro fato político presente aos Jogos do México foi a participação, pela primeira vez, de duas delegações representando Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental.

Os XX Jogos Olímpicos, realizados em 1972, na cidade de Munique, se iniciaram sem a Rodésia, impedida de participar devido a uma exigência das nações africanas, aceita pelo COI, de que não compareceriam à Olimpíada se aquele país, seguidor da política de segregação racial, estivesse presente.

Mas, apesar de toda a maravilhosa organização demonstrada pelos alemães, a Olimpíada de Munique se perpetuará na história como a competição mais sangrenta dos tempos modernos, em virtude do bárbaro assassinato de 11 atletas israelenses por parte de um comando palestino, integrante do grupo denominado "Setembro Negro", que, ao lado de outras facções, lutava pela implantação de um estado palestino. Sorrateiramente e burlando as normas de segurança vigentes na Vila Olímpica, o comando penetrou nos alojamentos e seqüestrou os israelenses, cumprindo uma missão cuja negatividade ficará gravada para todo o sempre na história das Olimpíadas.

Quatro anos depois, em Montreal, os XXI Jogos Olímpicos começaram com a ausência de 28 nações africanas e árabes que resolveram não participar em protesto contra a presença da Nova Zelândia, que dois meses antes havia feito, com sua equipe de *rugby*,

uma excursão pela África do Sul, prestigiando um país que se encontrava proscrito das competições internacionais por insistir na política do “*apartheid*”. Anteriormente, os citados países pressionaram o COI a não aceitar a presença da Nova Zelândia nos Jogos de Montreal. Como não obtiveram êxito, resolveram não participar, sendo a África negra representada apenas por Senegal e pela Costa do Marfim, que preferiram não misturar esporte com política.

Em 1980, nos Jogos Olímpicos de Moscou, os Estados Unidos não compareceram como uma forma de protesto à agressão sofrida um ano antes pelo Afeganistão, que teve seu território invadido e ocupado pela URSS. Esta recebeu um ultimato para se retirar daquele país até o início dos Jogos. Como isso não ocorreu, os norte-americanos não foram a Moscou, atitude imitada por mais 63 países, entre eles a Alemanha Ocidental, o Canadá, o Japão, a Áustria e outros de menor importância no cenário esportivo internacional. Algumas nações, como a Itália, recusaram-se, inclusive, a participar do desfile de abertura dos Jogos com sua bandeira nacional à frente da delegação, substituindo-a pela bandeira do seu Comitê Olímpico.

Os Jogos Olímpicos realizados em 1984 tiveram um boicote das nações socialistas, à exceção da Romênia e da Iugoslávia, contando, porém, pela primeira vez, com a presença da República Popular da China. Alegando falta de segurança para os componentes de sua delegação, a URSS achou por bem retribuir a “gentileza” dos norte-americanos quatro anos antes, não comparecendo a Los Angeles, obtendo a solidariedade de outros países alinhados com suas diretrizes políticas, como Alemanha Oriental, Hungria, Tchecoslováquia, Cuba, Albânia, Angola e Polônia.

Indubitavelmente, as manifestações políticas de norte-americanos e soviéticos, em 1980 e em 1984, arrastando consigo outros países de renome prestígio no ambiente esportivo internacional, provocaram um prejuízo técnico de elevadas proporções à causa olímpica, privando a assistência internacional de ver, em confronto, os maiores nomes do esporte mundial em Moscou e em Los Angeles.

A XXIV Olimpíada, ocorrida em Seul, foi antecedida de angustiante expectativa devido à incerteza quanto à presença da União Soviética, que de última hora resolveu não apoiar a atitude da Coreia do Norte, que

condicionava sua participação nos Jogos à pretensão de dividir, com a Coreia do Sul, a responsabilidade de organizar o evento.

A Coreia do Sul participou de todas as etapas que culminaram com a escolha de Seul para sediar os Jogos Olímpicos, enfrentando e superando sérios problemas de caráter técnico e financeiro, sem que os norte-coreanos se manifestassem para ajudá-los nos momentos mais difíceis. Mesmo assim, com o consentimento do COI, os sul-coreanos ofereceram a seus vizinhos a oportunidade de co-participar, organizando competições de algumas modalidades, tendo sido esta proposta desprezada. A Coreia do Norte declarou interesse, inclusive, em fazer os cerimoniais de abertura e encerramento em separado, gerando uma crise causadora do boicote representado pela ausência de Cuba, Albânia, Angola, Etiópia, Ilhas Seychelles (no Oceano Índico) e da própria Coreia do Norte.

Alguns analistas de política internacional comentaram que a desistência de Cuba seria apoiada, integralmente, pela União Soviética. Entretanto, quando esta resolveu participar dos Jogos, contrariou a atitude cubana que, de acordo com os mesmos analistas, para não evidenciar o que seria encarado como uma subserviência declarada a Moscou, preferiu ser coerente à decisão anteriormente tomada.

Também problemas políticos internos estiveram na iminência de impedir que os Jogos Olímpicos de 1988 acontecessem em Seul. As eleições, realizadas em dezembro de 1987, levaram para o comando da nação sul-coreana o presidente Roh Tae-Woo, do Partido da Democracia e Justiça, não conseguindo neutralizar as divergências entre o governo e a oposição, que, aliada ao movimento estudantil, desejava mais democracia, melhores salários e, principalmente, a reunificação da Coreia, separada pela zona militarizada no Paralelo 38, desde a guerra entre as duas Coreias, no período de 1950 e 1953.

Um acordo verbal entre Governo, lideranças políticas e estudantis permitiu que, durante a ocorrência das Olimpíadas, Seul não fosse agitada pelas sangrentas lutas que antecederam os Jogos e que, um ano depois, recrudesceram. O acordo de Seul reviveu as normas dos Jogos Olímpicos da antiguidade e, por alguns dias, o espírito idealista e puro do Barão Pierre de Coubertin também foi reverenciado, propiciando a ressurreição da

outrora respeitada "Trégua Sagrada". Entretanto, providências de grande alcance não deixaram de ser tomadas, objetivando evitar a repetição da barbárie de Munique, sendo montado um esquema de segurança nunca antes visto em toda a história dos Jogos Olímpicos, incluindo várias forças preparadas para ações de anti-guerrilha urbana e operações especiais, com um total de 100 mil policiais, destacando-se tropas anti-terroristas exímias na prática de artes marciais e dotadas de equipamentos de segurança ultra-modernos.

Em Barcelona, 1992, havia o temor do ETA (*Euskadi Ta Askatasuna*), organização basca que pleiteia a independência da Catalunha, repetir os atos terroristas até então praticados com características da guerrilha urbana, sacrificando inúmeros inocentes e buscando chamar a tenção do mundo para a sua causa, sem se importar com as conseqüências negativas destas atitudes, provocando a revolta popular.

Mas, novamente, o espírito da Trégua Sagrada voltou a imperar. O ETA e o governo espanhol se entenderam e as Olimpíadas se realizaram na mais absoluta normalidade, sendo consideradas um padrão da organização para o mundo esportivo internacional.

Em Atlanta, 1996, uma bomba explodiu fora da Vila Olímpica sem maiores conseqüências, embora o fato tenha sido considerado como uma atitude de protesto, não se sabendo, até hoje, contra o que ou contra quem.

Os Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, apresentaram como fato político marcante a

reconciliação dos colonizadores ingleses, que durante muitos anos dominaram a Austrália, com os aborígenes daquele país.

Embora ao longo deste trabalho fossem focalizados apenas os incidentes ocorridos nos Jogos de Verão, cabe um registro especial de um fato acontecido nos Jogos Olímpicos de Inverno de Salt Lake City (2002), quando o presidente George Bush fez a abertura solene da competição, postando-se no meio da delegação norte-americana, ao invés de fazê-lo da tribuna de honra. Foi uma atitude demagógica, em represália ao atentado de 11 de setembro, complementada pela delegação, que desfilou levando uma bandeira rasgada, como um troféu que teria sobrado da tragédia que ceifou vidas de inocentes alheios aos atos truculentos de representantes de políticas terroristas.

## CONCLUSÃO

Para o futuro, espera-se que a normalidade, vigente desde os Jogos de Seul, continue se manifestando, como uma evidência de que o amadurecimento dos povos não deve misturar esporte com política, fiel ao olimpismo e ao espírito idealista e puro do Barão Pierre de Coubertin.

### Endereço para correspondência:

Av João Luiz Alves, s/nº (Forte São João) - Urca  
Rio de Janeiro - RJ - Brasil - CEP 22291-090  
Tel: 21 2543-3323  
e-mail: jmcapinussu@hotmail.com

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOLD P. Olympic games. Londres: Hamlyn Publishing, 1983.

CAPINUSSU JM. Quo vadis olimpismo? Rio de Janeiro: Revista Olímpica Brasileira - Comitê Olímpico Brasileiro, 1992.

CARDOSO M. 100 anos de Olimpíadas. De Atenas a Atlanta. São Paulo: Scritta, 1996.

COLLINS D. Olympic dreams. New York: Universe Publishing/United States Olympic Committee (USOC), 1996.

COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL. A grande história dos Jogos Olímpicos. Quidnovi: Matosinhos, 2004.

GUTTMAN A. The Olympics – A history of the modern games. Chicago: University of Illinois Press, 1992.

LANCELOTTI S. Olimpíada – 100 anos. São Paulo: Círculo do Livro/Nova Cultural, 1996.

PARIENTÉ R, LAGORCE G. La fabuleuse historie dès Jeux Olympiques. Paris: Nathan, 1988.

WALLECHINSKY D. The complete book of the Olympics. Londres: Aurum Press, 1992.

WELLS S. The Olympics spirit – 100 years of the games. San Francisco: Collins Publishers, 1995.